

Ensino e Memória: os museus em espaço escolar

Nara Beatriz Witt* e Zita Rosane Possamai**

Palavras-chave:
História da Educação
Acervos históricos escolares
Museus de educação

Resumo: O objetivo deste trabalho é disponibilizar informações concernentes a acervos históricos escolares no âmbito de museus de educação, partindo de dados coletados em um mapeamento que identificou museus e memoriais existentes em escolas e acervos históricos escolares em guarda na cidade de Porto Alegre. Esses espaços são apresentados como objetos de investigação para estudos em História da Educação, reunindo informações sobre seus acervos como fontes de pesquisa. Ressalta-se a contribuição do levantamento para dar visibilidade ao patrimônio educativo mantido por essas escolas para possibilitar pesquisas no campo da Educação e da Museologia e verifica-se que há uma preocupação em preservar a cultura escolar, valorizada enquanto patrimônio educativo, no sentido da sua investigação como forma de compreender as práticas do passado em diálogo com as práticas do presente.

Keywords:
History of Education
School historical collections
Museums of education

Abstract: The objective of this study is to provide information concerning historical school collections in museums of education starting from data collected in a mapping that identified existing museums and memorials in schools and historical school collections in guard in the city of Porto Alegre. It presents these areas as research objects for studies in History of Education, gathering information about their collections as research sources. Also highlights the contribution of the survey to give visibility to educational heritage held by these schools to enable research in the field of Education and Museology. It is found that there is a concern to preserve school culture, valued as an educational heritage, in terms of research as a way to understand the practices of the past in dialogue with the present practices.

Recebido em 31 de outubro de 2015. Aprovado em 21 de dezembro de 2015.

Introdução

A História Cultural tem uma contribuição expressiva na ampliação dos documentos e objetos de investigação para a História da Educação. Na renovação teórico-metodológica ocorrida nas últimas décadas, os museus e suas coleções passaram a ser tomados como possibilidade para as pesquisas, especialmente os denominados museus de educação, entre os quais pode-se destacar o museu em espaço escolar. Desse modo, o museu coloca-se em uma dupla clivagem: por um lado é depositário de importantes documentos da memória da educação e, por outro lado, é também objeto de pesquisa como lugar ou instituição constituída em um determinado contexto de práticas, a partir da ação dos sujeitos envolvidos com a escola.

A partir dos estudos realizados no âmbito de Porto Alegre, entre os museus criados em instituições

escolares, pode-se apontar duas tipologias existentes: os museus de Ciências, outrora denominados Museus de História Natural e originados da coleta de espécimes da natureza, e os museus de História, também denominados memoriais. Ambas as tipologias museológicas guardam aproximações e distanciamentos no que se referem às suas características, aos seus objetivos e às suas práticas de funcionamento. Esses museus foram criados em momentos diferentes, acompanhando movimentos culturais mais amplos e de abrangência internacional. Os museus escolares de História Natural foram criados a partir do final do século XIX, inseridos nas iniciativas em prol da modernização pedagógica que apresentou características nacionais particulares. Aproximadamente um século depois, a partir do final do século XX, o segundo tipo de museu começa a ser criado nas escolas com a preocupação de preservar o patrimônio educativo. Inseridos em um movimento de amplas repercussões,

*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Email: narabewitt@gmail.com

**Docente no curso de Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Doutora em História (2005) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: zitapossamai@gmail.com

concernente a um dever de memória e a um desejo de lembrar através da invenção dos patrimônios, esses museus objetivam, acima de tudo, a conservação dos vestígios materiais da cultura escolar, na busca, também, por uma preocupação com a memória e a história institucionais.

Mediante o exposto, o trabalho aponta os museus de educação, em especial os museus constituídos em espaço escolar, museus de Ciências e museus de História, como possibilidades de investigação para História da Educação e nessa perspectiva tenta torná-los visíveis, bem como seus acervos. Desse modo, o texto apresenta dados sobre os museus localizados em escolas de Porto Alegre, o contexto de criação desses espaços, as características e finalidades de suas coleções, situando-os em dois movimentos distintos vinculados à Educação e à Museologia.

Museus de Ciências e Museus de História na escola

Assim como os museus têm sido objeto de estudo da história¹, a História da Educação (NÓVOA, 2003; 2004) também vem debruçando-se, especialmente, sobre novos objetos, descortinados a partir de uma multiplicidade de repertórios documentais, sob guarda das escolas e de seus museus. Para além dos vestígios da cultura material e visual escolar conservados em arquivos, acervos, memoriais ou museus escolares, nesta pesquisa, propõe-se o museu da escola como objeto particular de análise (POSSAMAI, 2015).

Conforme Meneses (1994), o museu possibilita compreender a sociedade que os produziu ou reproduziu enquanto objetos históricos. A criação de museus com a finalidade de coleta, guarda e pesquisa de objetos implica na vontade de sujeitos que estabelecem determinadas relações com os bens culturais, alçados ao estatuto científico, cognitivo, histórico ou mesmo afetivo. Esse processo de atribuição de valor a determinadas coisas que configuram as coleções (POMIAM, 1984) desses museus em âmbito escolar, por sua vez, podem constituir-se em reverberação em uma escala particular, uma micro-história de cada instituição escolar, de movimentos internacionais mais abrangentes. Desse modo, tanto para a História da Educação como para a Museologia, através

do estudo dos museus de escolas, é possível analisar processos singulares e exclusivos de dado caso, assim como é possível identificar processos em escala mais ampla que repercutem em práticas escolares e museais específicas.

No estudo realizado² foram identificadas duas tipologias diferentes de museus presentes nas escolas de Porto Alegre: museus escolares de Ciências e museus escolares de História ou memoriais, conforme o Quadro 1, apresentado a seguir. A primeira tipologia refere-se aos museus de Ciências, alguns originados como museus de História Natural, com a utilização do acervo para pesquisa científica e para o ensino com o Método Intuitivo, e outros museus, constituídos mais tarde, ao longo do século XX, também voltados para o ensino de Ciências. A segunda tipologia refere-se aos museus históricos ou memoriais escolares criados com foco na memória da escola e para a guarda da cultura material escolar e, ainda, para o ensino da disciplina de História.

A predominância entre os museus mapeados é de História, uma vez que foram localizados cinco museus de Ciências e oito museus de História. Dentre os de História, os dois primeiros foram denominados museus e os posteriores de memoriais. Em relação ao período que foram criados, três dos museus de Ciências datam do início do século XX, entre as décadas de 1900 e 1930; os outros dois, na década de 1960. Quanto à tipologia de História, os dois primeiros foram criados na década de 1990, os dois seguintes na década de 2000 e os outros seis na década de 2010. A partir desses resultados, pode-se inferir que os museus de Ciências vêm desaparecendo e os museus de História ou memoriais, ao contrário, vêm sendo crescentemente criados nas escolas.

Para melhor caracterizar essas duas tipologias de museus, convém descrever suas coleções. As coleções de Ciências em escolas de Porto Alegre, em alguns museus, são divididas em coleções didáticas e científicas, prática identificada nos museus de ciências brasileiros desde o século XIX (LOPES, 2005). As coleções didáticas são utilizadas para o ensino de Ciências, fornecendo material para auxiliar o trabalho escolar com atividades educativas vinculadas ao currículo e as coleções científicas possuem espécimes catalogadas que são muito importantes para a pesquisa científica.

Quadro 1 – Museus e memoriais em espaço escolar

Nome	Data	Escolas	Data
Museus escolares de Ciências			
Museu Anchieta de Ciências Naturais	1908	Colégio Anchieta	1890
Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores	1930	Colégio La Salle Dores	1908
Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI - Núcleo de Ciências	1931	Colégio Metodista Americano	1885
Museu de Biociências Júlio de Castilhos	Década de 1960	Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900
Museu de Ciências do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário	Década de 1960	Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário	1904
Museus de História e memoriais			
Museu Professora Roma	1993	Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900
Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI - Núcleo de História	1994	Colégio Metodista Americano	1885
Memorial Sevigné	2000	Colégio Bom Jesus Sevigné	1900
Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha	2002	Colégio Farroupilha	1886
Memorial São Francisco	2012	Instituto de Educação São Francisco	1962
Memorial da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	2012	Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	1962
Memorial do Colégio Bom Conselho	2013	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	1905
Memorial do Centenário	2013	Colégio La Salle Santo Antonio	1913

Fonte: Dados da pesquisa. 2013.

As duas práticas começaram na escola com os museus de História Natural, constituídos com acervos coletados na cidade de Porto Alegre e no Estado do Rio Grande do Sul. As coleções contemplam a flora e a fauna, incluindo material de Zoologia, Botânica, Paleontologia, Mineralogia e Petrologia, Astronomia e Arqueologia, contendo insetos, artrópodes, peixes, anfíbios, aves, répteis, moluscos, crustáceos, cnidários, equinodermas, fósseis, minerais, herbário etc. Esses espaços ainda guardam equipamentos científicos, mobiliário, recursos e materiais didáticos, livros didáticos e documentos institucionais, como relatórios e publicações. Desse modo, além do acervo coletado da natureza, esses museus também podem possuir outros objetos, produzidos e adquiridos, os quais integram seus percursos, fazendo parte de suas histórias.

Nos museus de História as coleções possuem materiais diversos – artefatos, imagens e documentos relacionados à memória institucional. Dentre os objetos

há mobiliário; uniformes; placas de setores da escola; placas de homenagens; troféus; instrumentos musicais; equipamentos e máquinas – máquinas de escrever, computadores, mimeógrafos, máquinas fotográficas, filmadoras, telefones; objetos religiosos; louças e outros materiais domésticos; recursos didáticos como mapas e globos; materiais utilizados pelos alunos nas aulas como esquadros e régua. Também há plantas de edificação das escolas, quadros emoldurados com diplomas e certificados. Mais que um rol de materiais, esses objetos podem ser explorados como testemunhos materiais da sociedade que os produziu e o utilizou (BARBUY, 1995), sendo examinados a partir da categoria de cultura material, entendida como um conjunto de relações e funções para perceber e explicar problemas históricos (FELGUEIRAS, 2005).

Além dos artefatos, nesses acervos estão presentes inúmeros repertórios iconográficos, compostos por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias em preto e

branco e em cor, bem como álbuns de fotografias. Os temas das fotografias são recorrentes e vinculados ao cotidiano escolar, como: quermesses; desfiles cívicos; gincanas e outros eventos e atividades da escola; rainhas da escola; bandas; trabalhos manuais; quadros de formaturas; turma de alunos; grupos de professores; grupos de professores com alunos; prédios escolares; vistas aéreas dos prédios de escola no seu entorno; passeios; ambientes internos e externos das escolas, como sala de aula, laboratório, dormitório, refeitório, museu, auditório e capela. Também há quadros de formatura com fotografias de formandos, esculturas, bustos, cabeças étnicas e quadros murais com ilustrações.

As imagens escolares correntemente usadas como ilustrações das edificações e práticas escolares de outros tempos, sugerem uma exploração mais rica através dos aportes teórico-metodológicos da cultura visual e da história visual, campos de estudo que, a partir da confluência de diferentes disciplinas, explora, através do visual, dimensões sociais e culturais (KNAUSS 2006; HERNANDEZ, 2005; MENESES, 2003). A cultura escolar é produtora de determinadas imagens recorrentes, especialmente fotográficas, como as fotografias individuais e de turmas, os quadros de formandos, os álbuns fotográficos, as imagens das edificações escolares, a ponto de delinear uma determinada visualidade que aproxima contextos espaciais e geográficos distintos, configurados em uma cultura visual escolar particular (POSSAMAI, 2015).

Dentre os documentos escritos há publicações, recordações, regimentos, atas de direção, atas do círculo de pais e mestres, relatórios, regulamentos, registros de visitas, registros de posses dos diretores; cadernetas; cadernos; diário de classe do professor; cadernos de chamada; manuais de ensino e livros didáticos. As publicações institucionais incluem jornais e periódicos da escola, além de materiais e folhetos do Grêmio Estudantil. Há, ainda, recortes de jornal sobre o colégio e o museu da escola. Todos esses escritos vêm sendo sistematicamente investigados pelos historiadores da educação a partir de outros repertórios documentais, sugerindo abordagens interessantes sobre a história das práticas de leitura e escrita (CHARTIER, 1990, 2009; CUNHA, 2011).

A partir dos contextos de criação desses museus

e das características e finalidades de suas coleções, foi possível situá-los em dois movimentos diferentes concernentes à Educação e à Museologia. O primeiro movimento está relacionado à criação de museus de educação a partir do final do século XIX, incluindo museus escolares e museus pedagógicos³. A preocupação com a modernização do ensino e a adoção do Método intuitivo e Lições de Coisas, como consequência, originam os museus de História Natural nas escolas. Esses museus inserem-se no contexto de criação dos primeiros grandes museus brasileiros de História Natural⁴, os quais inicialmente eram voltados ao estudo dos materiais naturais na perspectiva da pesquisa científica, vindo, posteriormente, a se aproximar da instrução pública:

[...] no Brasil o movimento dos museus entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX era solidário ao movimento da educação por alcançar as ideias de uma modernidade pedagógica, onde a adoção da perspectiva científica colocava em voga o método Lição de Coisas. No caso do Rio Grande do Sul, essa aproximação pode ser verificada entre o Museu do Estado e o ensino, seja pela presença dos escolares nos espaços do museu, seja pela contribuição da instituição em organizar coleções didáticas para as escolas. (POSSAMAI, 2012, p. 11).

O segundo movimento contempla a criação de museus nas escolas a partir do final do século XX, voltados à memória das instituições escolares para a preservação de objetos do passado da escola como patrimônio educativo, em que:

Todo este movimento faz parte de um outro mais amplo, de democratização da cultura e das memórias de grupos e lugares com forte identidade cultural, que não só levou à constituição de toda uma nova gama de museus: eco-museus, museus da indústria, do traje, agrícolas, centros de ciência viva, museus vivos, etc., como também questionou as perspectivas sobre a organização, finalidades e função social dos museus. (FELGUEIRAS, 2005, p. 95).

Na perspectiva da cidade de Porto Alegre, no âmbito do primeiro movimento, a constituição dos primeiros museus nas escolas, conforme o levantamento, ocorreu a partir do início do século XX⁵. Tal constituição estava relacionada à renovação no método de ensino, reunindo objetos didáticos utilizados como recurso pedagógico.

A valorização do Método Intuitivo e as Lições de coisas inseriam a escola na busca pela modernização pedagógica e da sociedade (POSSAMAI, 2012), assim como o uso de objetos para a aprendizagem pelos sentidos almejava destituir a antiga arte do ouvir e repetir (VIDAL, 1999). Naquele contexto, a renovação dos métodos de ensino valorizou o contato direto dos alunos com os exemplares da flora, da fauna e da indústria como forma de exercitar a capacidade cognitiva por meio da observação e da experimentação. Nesse momento, museus escolares denominam tanto os recursos pedagógicos produzidos para o ensino, bem como os espaços que reúnem e guardam espécimes para utilização pelos professores e alunos⁶.

No mesmo contexto de modernização, o progresso econômico caminha *par i passu* ao desenvolvimento científico, estando a ciência, muitas vezes, a serviço da exploração das possibilidades econômicas. Os museus de História Natural, criados em diferentes países, incluindo o Brasil, forneceram o substrato científico para o conhecimento do mundo, das coisas e do outro. Assim, os museus de História Natural criados nas instituições escolares não podem ser vistos fora desse movimento científico mais amplo que incluía também a educação.

Esses museus, atinentes à escola, eram o corolário da modernidade pedagógica no ensino, condição para a construção de uma sociedade científica. Hoje permanecem como uma das principais atrações da escola, cuja marca de ordem do tempo (HARTOG, 2006) é palidamente percebida. Muito ou parcamente utilizados no ensino das ciências, transcendem seu valor cognitivo, pois constituem pontas de um iceberg de uma história da educação ainda pouco valorizada, podendo revelar aspectos importantes da história da escola, do ensino e dos museus.

Evidenciado esse diálogo entre história dos museus e História da Educação, pode-se citar o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, fundado em 1908 e posteriormente denominado como Museu de Ciências. Ao observar os documentos do seu acervo identifica-se a potencialidade do seu estudo para tracejar sua história, possibilitando estabelecer relações com a produção do conhecimento científico e o ensino da disciplina de Ciências Naturais. Seu percurso aponta relações com os museus de História Natural criados no Brasil no século XIX (LOPES, 2005). A pesquisa em relatórios, cadernos de lembranças e publicações da instituição revela a constituição do museu por um professor-entomólogo e jesuíta, o Pe. Pio Buck, nascido na Suíça, em 1883, iniciando a reunião de coleções de História Natural (Figura 1) (REVISTA, 2008).

Figura 1 – Museu de História Natural do Colégio Anchieta



Fonte: Relatório Anual do Colégio Anchieta, 1926. Acervo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta.

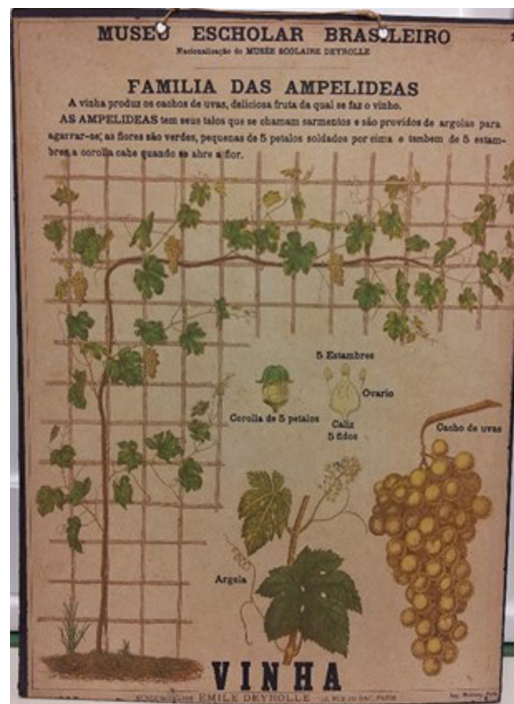
Como ocorria nos grandes museus de História Natural do país, os cientistas que atuavam no Museu realizavam atividades de coleta, organização, identificação e pesquisa das coleções, com a publicação de seus resultados também em nível internacional, além de intercâmbios com instituições científicas nacionais e estrangeiras (RELATÓRIO, 1967). Desse modo, documentos do seu acervo histórico fornecem dados que indicam a inserção do Museu de História Natural do Colégio Anchieta nos rumos da História Natural do país, mostrando-se uma instituição científica e de formação, estabelecendo sólidas redes de comunicação⁷ e conformando o processo internacional que foi caracterizado como o movimento dos museus (LOPES; MURRIELO, 2005).

A partir das informações aportadas pelos escritos e fotografias da instituição sobre o Museu e o Colégio, constata-se a relevância do trabalho ali desenvolvido para o escopo das Ciências Naturais e para essa tipologia

A partir de fontes visuais e textuais (artefatos e documentos institucionais) verifica-se a utilização do acervo, de espécimes naturais e de objetos produzidos pela indústria, para o ensino de Ciências com a aplicação do Método Intuitivo e Lições de Coisas. Nos Cadernos de Lembranças, produzidos pela escola, é possível identificar que a disciplina de História Natural integrava o currículo. Nos Relatórios Anuais da escola, observa-se, após alguns anos da fundação do museu, a inserção do Método Intuitivo e das Lições de Coisas no ensino, bem como a aquisição para o Museu de materiais produzidos pela indústria para o ensino de Ciências. Dentre esses materiais foram localizados quadros-murais com ilustrações da natureza (Figura 2), que eram utilizados como recurso didático⁸.

A partir de materiais que tinham a função de auxiliar na aprendizagem como recurso visual, dentre as possibilidades de pesquisa, é possível investigar a

Figura 2 – Quadro-mural fabricado pela empresa Maison Deyrolle



Fonte: Acervo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta.

específica de museu. Outras pistas encontradas através da cultura material escolar do Colégio Anchieta fornecem dados que permitem estabelecer relações do Museu (criado como museu de História Natural) com a constituição de museus escolares.

vinculação das representações da natureza com o ensino de Ciências para compreender a relação do ensino com museus e para delinear a história do ensino de Ciências.

No segundo movimento de criação de museus em escolas, em outro contexto, a partir do final do século

XX, começam a ser criados espaços museológicos nas escolas com foco na memória, denominados museus ou memoriais. Estes são resultado, segundo Felgueiras (2005; 2011), de uma preocupação com a herança educativa e com a memória escolar, por meio da guarda da cultura material escolar. Além disso, esses museus, preocupados principalmente com a memória da escola, através da conservação de seus traços materiais, visuais, escritos e orais, reverberam movimentos mais amplos ligados ao dever de memória (RICOEUR, 2007), especialmente consubstanciados na ereção de lugares materiais da memória (NORA, 1993).

Esse movimento de valorização do patrimônio em escala global (CHOAY, 1996; HARTOG, 2006)

reserva aos museus (HUYSEN, 1994) e às suas coleções um espaço especial de negociação dos sujeitos com seu passado, onde estão presentes menos aspectos científicos, nos moldes dos museus de ciências anteriores, e mais razões de ordem política e afetiva, seja no sentido de opor-se ao esquecimento e ao desaparecimento desses registros, seja no sentido de atribuir significados a elementos considerados relevantes para perdurar no tempo.

Nos museus localizados é recorrente a guarda de acervo que compõe a “sala de aula”, o que pode ser observado na exposição de longa duração do Memorial do *Deutscher Hilsverein* ao Colégio Farroupilha (Figura 3) e do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI – Núcleo de História (Figura 4).

Figura 3 – Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha



Fonte: Acervo da pesquisa, 2013.

Figura 4 - Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI



Fonte: Acervo da pesquisa, 2013.

As recriações das salas de aula de tempos pretéritos indicam representações visuais configuradas em um espaço especialmente concebido para abordar o passado da educação escolar. Essas exposições, bem como os artefatos reunidos e guardados nesses museus sugerem ricas abordagens que impõem o cruzamento disciplinar entre história e museologia. Por que são esses artefatos (e não outros) que perduraram no ambiente da escola? O que eles podem contar sobre os tempos de escola do passado? Tais objetos aguardam mudos que os historiadores da educação os indaguem com vistas ao conhecimento do vivido na escola.

Considerações finais

A História nutre-se de indícios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço. Hoje, para além das práticas escolares vividas pelos sujeitos, esses museus e suas coleções recebem um sopro de vida a partir do olhar da História da Educação. Tudo que lá está guardado oferece-se, generosamente, à investigação, exigindo criatividade e ousadia por parte dos pesquisadores. Os objetos apenas tornam-se documentos na medida em que são assim configurados, pela operação historiadora com vistas à produção do conhecimento. Nessa interface, a pesquisa dos museus em escolas propõe o desafio de interpretar a cultura material e visual escolar para que, das coisas mudas, chegue-se às práticas e aos sentidos produzidos pelos sujeitos no cotidiano escolar.

Mais do que isso, os museus de escola merecem ser estudados como objetos particulares que podem indicar relações dos sujeitos com as coisas, transfiguradas como bens culturais dispostos em um cenário especialmente concebido como modo de mediação entre a humanidade, a natureza e a cultura por esta inventadas. Como todos os museus, são lugares de mediação entre os sujeitos e o mundo, seus espaços e coleções permitem uma compreensão, mesmo que esquemática e recortada, do vivido e da natureza que nos cerca, assim, sem esses museus estaríamos órfãos.

Notas

1 São inúmeros os estudos sobre os museus na perspectiva da História. Cita-se aqui, apenas como exemplos, um autor

internacional e um brasileiro, Dominique Poulot (1997) e Ana Brefe da Fonseca (2005).

2 Levantamento realizado em 2013 na cidade de Porto Alegre de museus existentes em espaço escolar.

3 Ver Bastos (2002) sobre o museu Pedagogium (1890-1919), que inseriu o Brasil no movimento dos museus de educação, os quais vinham sendo criados em vários países.

4 Criação no século XIX do Museu Nacional (1808), do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e do Museu Paulista (1894).

5 Ver Petry (2013) e Witt (2013) sobre museus escolares identificados criados no início do século XX.

6 Sobre os tipos de museus escolares ver Petry (2013): podiam ser constituídos por quadros-murais expostos na sala de aula, por um armário para guardar e expor acervo ou por um gabinete para as coleções.

7 Ver o estudo de Sanjad (2010) sobre o Museu Paraense, entre 1866 e 1907, que realizava produção científica e intercâmbios internacionais, e sobre o papel estratégico dos museus de história natural.

8 Os quadros-murais apresentavam conhecimentos diversos para auxiliar no ensino em diferentes disciplinas, fabricados por empresas de diferentes países, dentre elas a empresa francesa Maison Deyrolle, que ainda os produz e comercializa. Ver Vidal (2012) para a designação de museus escolares para quadros-murais expostos na sala de aula.

Referências

BARBUY, Heloisa. Entendendo a sociedade através dos objetos. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. **Museu Paulista: Novas leituras**. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1995, p. 17-23.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pro Pátria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSEF, 2002.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-105.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **Museu Paulista**: Affonso de Taunay e a memória nacional. São Paulo: Editora UNESP/Museu Paulista, 2005.

CHOAY, Françoise. **L'allégorie du patrimoine**. Paris: Seuil, 1996.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970). **História**, São Paulo, v. 30, p. 81-99, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a05v30n2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, UNICAMP, Campinas, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. ex. 1, p. 87-102, 2005. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-felgueirasml.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2013.
- _____. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação, e divulgação histórica. **Revista Brasileira da História da Educação**. Campinas, v. 11, nº 1 (25), p. 67-92, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/viewFile/16/59>>. Acesso em: 28 mai. 2013.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.
- HERNÁNDEZ, Fernando. De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual. **Educación e Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n.2, p. 9-34, jul./dez. 2005.
- HUYSEN, Andreas. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 35-57, 1994.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCutura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p.97-115, jan./jun. 2006.
- LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- _____; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do Século XIX. **Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro. v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0>>. Acesso em: 03 mar. 2013.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material**, São Paulo: Museu Paulista/ Universidade de São Paulo, v. 2, p. 9-41, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- _____. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cutelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC/SP, n. 10, p. 1-178, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- NÓVOA, António. Textos, imágenes y recuerdos. Escritura de “nuevas” historias de la educación. In: POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREYRA, Miguel A. (Orgs.). **Historia Cultural y educación: ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización**. Barcelona: Pomares, 2003, p. 61-103.
- NÓVOA, António. Por que a História da Educação (apresentação). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004, v. 3. p. 9-13.
- PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952)**. 2013, 222 f, Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina (Centro de Ciências Humanas e da Educação), Florianópolis, 2013.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine 1789-1815**. Paris: Gallimard, 1997.
- POSSAMAI, Zita Rosane. “Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 20, n. 43, 2012.
- _____. Olhares cruzados: Interfaces entre História, Educação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 6, p. 17-32, 2015.
- RELATÓRIO** anual do Colégio Anchieta. Porto Alegre. 1967.
- REVISTA** Anchieta. Porto Alegre, Publicação oficial do Colégio Anchieta, n. 20, ano VI, dez. 2008, p. 12-18.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Orgs.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 107-115.
- _____. Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: ALVES, Cláudia; MIGNOT, Ana Crystina (Orgs.) **História e historiografia da educação ibero-americana: projeto, sujeitos e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet – Faperj – SBE, 2012.
- WITT, Nara Beatriz. **Ensino ou Memória: (In) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS**. 2013, 127 f, Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), Porto Alegre, 2013.